

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS

*REVISTA DE HISTÓRIA  
DAS IDEIAS*

VOL. I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

## A FACULDADE DE TEOLOGIA PERANTE O MATERIALISMO\*

(1861-1905)

1. A «impiedade», em processo desde o século XVIII, atingiu o máximo da tensão no centénio seguinte. Os sistemas de ideias então criados abalaram o edifício religioso ainda mais profundamente do que o polemismo dos incrédulos e dos «filósofos». As grandes construções, que caracterizam o princípio do século, obtiveram de facto, pela sua perfeita elaboração, uma extraordinária ressonância nos espíritos.

Como no resto da Europa, o século XIX foi também em Portugal uma época de crise religiosa. E daí vem, antes de mais nada, o interesse da posição tomada pela Faculdade de Teologia de Coimbra perante o movimento avassalador da incredulidade. Dentro dessa atitude, adquiriu uma especial relevância o enfrentamento da descris-tianização das mentalidades operada por acção do materialismo<sup>(1)</sup>. Tem por isso lógica que os teólogos responsabilizem, em grande parte, esta corrente pela descrença e o alheamento de Deus que se verificavam nas camadas cultas da sociedade portuguesa.

A Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra foi, durante a segunda metade do século XIX, o centro irradiador quase único das ciências sagradas no nosso País. Formou-se sob o magistério dos seus lentes quase todo o clero que nas cadeiras episcopais, nos cabidos, nos púlpitos e nas paróquias de maior importância, teve entre mãos a pastoral e a polémica católicas. Assume, assim, o maior interesse o conhecimento da confrontação a que esses lentes procederam, em

---

\* A minha gratidão ao Prof. Silva Dias, por amistosamente ter orientado este trabalho.

(1) Em trabalhos futuros, focaremos outros aspectos do mesmo fenómeno de «descristianização».

termos de ciência ou de ideologia, com as ideias «heterodoxas» do seu tempo. E no primeiro plano desse confronto, depara-se, naturalmente, o materialismo.

#### O MATERIALISMO E OS MATERIALISMOS

2. A reacção dos teólogos conimbricenses, como se verá, nem sempre é deduzida em forma especificada. E as críticas, por falta de precisão, resvalam, muitas vezes, para terrenos diferentes.

Para mais exactamente se aferir a atitude dos teólogos conimbricenses, importa esclarecer os sentidos por eles atribuídos à palavra materialismo. Este dimensiona-se frequentemente, nos seus escritos, como parceiro da imoralidade, do desejo desmedido dos prazeres, e até da própria confinação do horizonte humano no campo das necessidades materiais. Segundo tal entendimento, o materialismo caracterizar-se-ia por um interesse, excessivo e verdadeiramente culposo, pelos bens e coisas materiais.

Esta interpretação do materialismo valeu inumeráveis ataques e calúnias às várias escolas filosóficas que desde a Antiguidade o perfilharam. A grandeza do ideal de vida de uma filosofia como a epicurista foi deformada pela própria Igreja, interpretando numa perspectiva grosseira as concepções do filósofo do Jardim. No século XVIII, essa interpretação lançou raízes mais fundas, já por ser a época das «festas galantes» e dos «copiosos repastos», já porque, de certa forma, as biografias de conhecidos materialistas pareciam conformar-se com ela (1). Todavia, esse «materialismo» grosseiro nada tem a ver com o verdadeiro materialismo, em sentido próprio, filosófico, isto é, com uma «concepção do mundo» ou maneira determinada de analisar e compreender os fenómenos da natureza.

É notório, por vezes, nos teólogos de Coimbra, aliás como na generalidade dos apologetas do «espiritualismo», sobretudo na sua linha católico-reaccionária, a confusão do materialismo filosófico, cheio de generosidade e ideal, com o materialismo filisteu dos egoístas e dos boémios. Essa identificação, de si mesma tendenciosa, está

---

(1) La Mettrie morreu por ter comido demasiadas empadas de faisão; Helvetius era arrematante de impostos régios e um grande mundano; e outros exemplos se poderiam dar, como o Marquês de Sade, etc.

fundamentalmente errada. Os «materialistas» existenciais não costumam ser muito dados a escrever e menos a pensar...

Desde Demócrito e Epicuro até aos nossos dias, os verdadeiros materialistas não pretenderam diminuir o homem, mas engrandecê-lo. Não lhe ofereceram uma vida de prazeres fáceis (tenha-se em vista a ataraxia epicuriana); procuraram levá-lo a criar a autêntica felicidade e um mundo verdadeiramente humano.

Os pontos altos da filosofia materialista atingem-se na Antiguidade grega com os comerciantes, então a classe mais evoluída; no século XVIII, em França, com a burguesia revolucionária; e depois dos meados do século XIX, especialmente com o proletariado revolucionário. Mas este materialismo não se acha em discussão nos textos dos professores conimbricenses.

3. Os professores da Faculdade de Teologia, quando se referem ao materialismo, estabelecem uma enorme confusão, como depois se mostrará, entre as acepções atrás esboçadas, inclinando-se para a primeira, de acordo com a tradição eclesiástica.

Propondo-se refutar o materialismo filosófico, só visam, no entanto, essencialmente, o materialismo mecanicista do século XVIII. E são levados a isso, decerto, pela missão específica que a este coube: negar os valores religiosos tradicionais e pôr em destaque as potencialidades humanas. A razão e a ciência conduziriam o homem ao caminho seguro da felicidade. Neste século, estabeleceu-se a unidade material do mundo, de onde resulta a negação do dualismo cristão, que contradizia a concepção unitária do homem e da natureza. Extraindo as conclusões finais, forçoso era aos materialistas negar a existência de Deus e o próprio espiritualismo. A existência de Deus — embora não a do Deus judeo-cristão — não era entretanto irreconciliável com este tipo de materialismo. Deus poderia ser uma alma imanente ao universo — e seria o Deus dos panteístas; ou, então, um relojoeiro que pusesse a matéria em movimento, dando ordem e regularidade ao mundo — e seria o Deus dos deístas. Daí, Luís Maria da Silva Ramos dizer que todas as doutrinas se poderiam reduzir ao panteísmo, dualismo e materialismo. Mas, no seu conjunto, os materialistas franceses são ateus. Negam Deus, ao mesmo tempo que afirmam os direitos da natureza e da razão. Dir-se-ia que, para eles, a crença na ordem divina funciona como factor de entrave ao progresso humano, retardando o desenvolvimento da ciência.